

DOIS TEMPOS, DOIS OLHARES. ACERCA DE ALGUNS JUGOS DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

por

Olinda Sardinha *

RESUMO

Como seria próprio da época, a análise que Leite de Vasconcelos, fundador do Museu Nacional de Arqueologia, faria dos jugos ora apresentados incidiria essencialmente sobre a sua decoração e respectivo simbolismo — cruz, signo saimão e coração.

Entretanto, a equipa de Jorge Dias vem a introduzir novos centros de interesse no estudo etnográfico, preferencialmente dirigido para a sua componente material e respectiva integração sócio-económica. É o caso da obra sobre «Sistemas de atrelagem dos bois em Portugal», de que Ernesto Veiga de Oliveira é co-autor.

No presente texto seguem-se ambas as metodologias, aplicadas a um conjunto de sete exemplares. Dos chamados «jugos de tábuas», caracterizados pela sua riqueza decorativa, elemento que acentua as diferenças morfológicas existentes regionalmente, incluem-se dois exemplares da variante minhota e quatro da variante maiata. Dos «jugos de trave», divulga-se um exemplar, cuja origem se discute.

SUMMARY

As was appropriate for the time, the founder of the Museu Nacional de Arqueologia, José Leite de Vasconcelos, focused his studies of the yokes in terms of decoration and symbolism: cross, Salomon's seal and heart.

In the 50 th's, a new perspective was utilized by the group of Jorge Dias. Their study of portuguese ethnography was centered on the analysis of social aspects and material culture. As concerns yokes, the main publication, done by Ernesto Veiga de Oliveira and others, «Sistemas de atrelagem dos bois em Portugal», focused on the decorative aspects and regional morphological differentiation.

We have followed both orientations in the description of the present group of seven yokes: four of them belonging to the «variante da Maia»; two, to the «variante do Minho», all of them «board yokes»; and the last one, eventually, to the «wooden beam yoke» category.

* Técnica Superior. Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, 1400 Lisboa.

INTRODUÇÃO

Num tempo em que as populações rurais utilizavam nos seus trabalhos agrícolas um equipamento condizente com a sua maneira de viver e em equilíbrio com a Mãe Natureza, a investigação etnográfica visava sobretudo o estudo das tradições, usanças, superstições e costumes. Assim era ainda nos finais do séc. XIX, quando a José Leite de Vasconcelos coube a tarefa de trilhar o terreno anteriormente lavrado por toda uma elite de estudiosos, etnógrafos, filólogos ou linguístas, como Francisco Adolfo Coelho, Joaquim Teófilo Braga, Zófimo Consiglieri Pedroso ou António A. Rocha Peixoto¹, que muito contribuíram para o estudo do Povo Português.

Mais próximo de nós, num tempo em que o avanço da tecnologia começou a subalternizar, sacrificar e até extinguir muitas das circunstâncias do viver rural, quando era evidente uma certa quebra na investigação etnográfica portuguesa, o «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular», sob a orientação de Jorge Dias, lança o seu programa de levantamento «etnográfico e etno-sociológico»² de todo o País. «Era preciso ver e assistir o mais que se pudesse, registar tudo em todos os domínios, como máximo rigor e sem perder um só dia» — afirmava Ernesto Veiga de Oliveira a propósito da actividade então necessária, da qual deveria resultar a organização e elaboração de ficheiros temáticos, completados por uma preciosa documentação de apoio: fotografias, desenhos, diapositivos, gravações e filmagens. A chamada cultura material e as maneiras de viver tradicionais das nossas gentes do campo e do mar, mais do que as suas origens linguísticas ou a sua vida espiritual, tornava-se um centro de interesse privilegiado.

No entanto e curiosamente existe muito em comum no percurso destes dois grandes vultos, de ambas as épocas. Para além de terem cursado o liceu na cidade do Porto e as suas primeiras publicações se referirem a aspectos da cultura espiritual, de que é exemplo o estudo do «Entrudo», exerceram durante pouco tempo as profissões decorrentes dos respectivos cursos universitários. E finalmente, qualquer dos dois deu origem a um museu: Leite de Vasconcelos, ao Museu Etnográfico Português, hoje designado po Museu Nacional de Arqueologia do Doutor Leite de Vasconcelos (MNA); Veiga de Oliveira, ao

¹ Entre todos, cumpre talvez salientar António Rocha Peixoto, por ter sido quem pela primeira vez tratou de forma aprofundada os temas relativos ao estudo da cultura material.

² OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1968) — *Vinte anos de investigação etnológica do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa. Pág. 12.

«Museu de Etnologia do Ultramar³, hoje chamado Museu Nacional de Etnologia.

Criado por Decreto de 1893, o «Museu Etnográfico Português» (designado por «Museu Etnológico Português», desde 1987) propunha-se apresentar a público tudo o que de «tradicional e característico»⁴ definisse o Povo português, de acordo com o espírito positivista da época. À Etnologia, eram assim atribuídas as grandes sínteses sobre as origens evolução e razão de ser do Povo Português, baseadas nos sucessivos domínios analíticos que a Etnogenia, a História e Glotologia, a Etnografia, o Folclore e a Ergologia constituíam.

A colecção etnográfica portuguesa, reunida por Leite de Vasconcelos em secção própria, apresentava documentos e objectos relativos a uma grande diversidade de assuntos, que vão desde a alimentação, a casa e os transportes, até às «circunstâncias do viver do indivíduo» e à religião. O núcleo de transportes incluía um modelo de madeira de carro de bois, gravuras e desenhos, estribos e alguns jugos.

Os sete jugos ou cangas que ora apresentamos fazem parte de um total de onze actualmente existentes no MNA, dos quais ao tempo de Leite de Vasconcelos se encontravam oito em exposição: «oito exemplares autênticos de jugos de bois do Baixo Minho artisticamente ornamentados»⁵. Desconhecemos as suas datas de aquisição e proveniências, embora os oito a que em 1915 Leite de Vasconcelos se refere devessem obviamente ter sido adquiridos anteriormente. Não sabendo com rigor quais os que tiveram expostos, optámos agora por seleccionar aqueles de que não existem quaisquer referências extensivas na bibliografia⁶. Entre eles, aliás, existe um (o último a ser referido) que sabemos ter pertencido à colecção arqueológica e etnográfica de Vergílio Correia, oferecida em 1952 a este Museu.

³ Em 1965, o Decreto que cria o «Museu de Etnologia do Ultramar» salienta o papel importante da investigação, assim como a função primordial da recolha de objectos e o papel educativo do Museu. Três aspectos fundamentais para uma instituição que se propunha representar o Homem como ser cultural em toda a sua universalidade.

⁴ VASCONCELOS, J. Leite de (1915) — *História do Museu Etnológico Português*, Imprensa Nacional, Lisboa. Pág. 201.

⁵ VASCONCELOS, J. Leite de (1915) — *História do Museu Etnológico Português*, Imprensa Nacional, Lisboa. Pág. 219.

⁶ De dois dos jugos em questão foi anteriormente feita uma referência sumária por Eugeniusz Frankowski, na revista «Terra Portuguesa», ano 1, n.º 2, 1916, pp. 41-42.

2. O «OLHAR» DE LEITE DE VASCONCELOS

Na sua primeira abordagem à temática dos jugos, Leite de Vasconcelos começa por referir a origem remota da agricultura e da domesticação no território português, dando delas exemplo através de tradições, ditados, romances e lendas, e levanta algumas questões relacionadas com os motivos decorativos dos jugos e cangas⁷. Questões a que regressa em 1923, quando associa as temáticas decorativas deste tipo de objectos com os cangalhos ou «bow-saddles» escandinavos, que aqui teriam chegado através dos vikings e cuja influência teria sido especialmente sentida na costa do Norte e Centro de Portugal⁸.

O tema dos jugos e cangas só volta e ser referido na bibliografia leiteana quando em 1975 é publicado o volume VI da sua monumental obra «Etnografia Portuguesa», dedicado à conclusão da «vida material do adulto»⁹. No capítulo aí dedicado a transportes terrestres, o mestre compila e refere algumas designações locais relativas a jugos e cangas, e respectivos aprestos, especificando-as por áreas regionais. Exceptua-se, no entanto, o jogo de *molhelhas* que mantém sempre esta designação, por apresentar umas almofadas de couro (forradas de lã ou palha) que assentam directamente no cachaço dos bois.

Verifica-se assim que a base da abordagem de Leite de Vasconcelos é constituída pela divisão elementar entre jugos e cangas. Os primeiros seriam de forma trapezoidal, bordo superior curvo ou formando um ângulo e rebordos laterais ondulados. As segundas, seriam mais baixas, com uma elevação central de forma igualmente trapezoidal. Neste sentido, todos os exemplares ora descritos se incluem na primeira categoria: para além da sua forma geral, apresentam «cabelos» no bordo superior e canzís (os exemplares das Ests. I - 1, I - 2, I - 3, II - 1, III - 2, II - 3, III - 1), e «arcos» (exemplares da Est. III - 2 e IV - 1). O exemplar da Est. IV - 2, adiante descrito e objecto de tratamento separado em todo o presente texto, pode incluir-se na chamada variedade de *molhelhas*.

Todavia, o aspecto que mais atenção lhe merece é o dos motivos decorativos, com ênfase especial nos que apresentassem carácter vincadamente simbólico. Nesta perspectiva, em todos os exemplares ora publicados figura na face anterior o motivo da cruz, que, juntamente com o signo-saimão, integraria os chamados «símbolos vivos», em virtude de lhes serem dados pelos agricultores significados mágico-religiosos particulares: a cruz serve para «arrenegar

⁷ VASCONCELOS, J. Leite de (1881) — *Estudo Ethnographico — A proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho*, Empresa do Jornal d'Agricultura-Editora, Porto.

⁸ VASCONCELOS, J. Leite de (1923) — «Varios tipos de jugos e cangas de bois», *Boletim de Etnografia*, nº 2, Imprensa Nacional, Lisboa, pp. 57-60.

⁹ VASCONCELOS, J. Leite de; GUBRREIRO, M. Viegas e outros (org.) (1975) — *Etnografia Portuguesa*, vol. VI, Imprensa Nacional, Lisboa.

o diabo ou as feiticeiras»¹⁰ ou para que «qualquer coisa má empecem os bois»¹¹; o signo-saimão serviria para os mesmos efeitos, porventura mais acentuados, sendo «um dos maiores talismans do nosso povo»¹², protector de coisas ruins, tais como o quebranto, o «mau olhado», o bruxedo, etc. Dos nossos exemplares, todos (com excepção da Est. IV - 2) têm cruz e os jugos das Ests. I - 1, I - 2/3, II - 3 / III - 1 e IV - 2 têm o sino-saimão, sob a forma de pentalfa. A ocorrência deste símbolo levaria certamente Leite de Vasconcelos a referir-se — lhes como provenientes do Norte e Sul do Douro, apreciação que no caso dos jugos das Ests. I - 1, I - 2/3 e II - 3 / III - 1 poderia ser mais exacta, apontando o Minho e «Beira Ocidental» (Feira, Oliveira de Azeméis) porque aí «o sino-saimão aparece entre ornatos graciosos e curiosos»¹³.

Outro motivo do maior interesse para Leite de Vasconcelos seria o do coração, «símbolo extinto» por actualmente já não possuir qualquer significado mítico e por «ter perdido a ideia de amuleto e ser usado como ornato, principalmente na arte popular»¹⁴. Trata-se de um símbolo de remota antiguidade, patente nos exemplares das Ests. I - 2/3, II - 1/2 e II - 3/III - 1. Para além dele, e com significado idêntico, deve registar-se a flor de seis pétalas (sexifólia) contida no exemplar da Est. I - 2/3, assim como os motivos espiralados dos exemplares das Ests. II - 1/2 e II - 3 / III - 1.

Finalmente, os círculos e semi-círculos visíveis nos exemplares das Ests. I - 2/3 e II - 3 / III - 1, seriam considerados «ornatos propriamente ditos» por terem uma função meramente decorativa.

Em separado deveria ser observado o exemplar da Est. IV - 2, conforme indicámos anteriormente. Trata-se de um objecto a incluir na categoria de *molhelhas*, embora as não apresente. Por esta razão, aliás, ele poderia ser atribuído à região da Guarda ou de Fornos de Algodres, onde ambas as variedades foram observadas por Leite de Vasconcelos.

2. O «OLHAR» DE VEIGA DE OLIVEIRA

A característica que porventura melhor individualiza a abordagem de Ernesto Veiga de Oliveira sobre os jugos ou cangas é o seu carácter sistemático, de natureza tipológica, assim como a importância dada à sua integração sócio-económica — o que é patente tanto na sua principal obra «Sistemas de

¹⁰ *Op. cit.* (v. nota 8), pág. 674.

¹¹ *Op. cit.* (v. nota 6), pág. 41.

¹² *Idem, ibidem.*

¹³ VASCONCELOS, J. Leite de (1918) — «*Signum salomonis*, «O Arqueólogo Português», vol. XXIII, Imprensa Nacional, Lisboa, pp. 203-316. Pág. 239.

¹⁴ VASCONCELOS, J. Leite de; GUERREIRO, M. Viegas e outros (org.) (1985) — *Etnografia Portuguesa*, vol. IX, Imprensa Nacional, Lisboa, p. 214.

atrelagem dos bois em Portugal»¹⁵, como nos diversos catálogos e pequenos textos que também dedicou ao assunto¹⁶.

Assim, depois de mencionar as duas diferentes maneiras de atrelagem dos bois em Portugal (cornal e jugular) e de se referir com detalhe aos aprestos dos jugos ou cangas, Veiga de Oliveira divide-os, de acordo com a sua morfologia, em dois tipos principais: «de trave: que constituem o caso geral» e «de tábua: que ocorrem apenas no NW do país»¹⁷. De acordo com esta classificação, os nossos exemplares da Est. I - 1 a IV - 1 pertencem ao tipo dos jugos de tábua. O da Est. IV - 2, inclui-se na categoria de jugos de trave.

Entre os jugos de tábua que ora apresentamos, os exemplares das Ests. I - 1 a II - 3 / III - 1 seriam, por sua vez, integrados nas variantes de Vila da Feira e da Maia, uma vez que apresentam uma forma trapezoidal, bordo inferior linear, bordo superior ligeiramente curvo e «encabelado com tufos de crinas»¹⁸ pretas e rebordos laterais recortados e ondulados. Possuem, além disso, *canzís*, havendo no nosso caso dois de cada lado. De salientar a ocorrência de pintura no jugo das Ests. II - 3 / III - 1, que por isso constitui uma notável exceção relativamente à classificação em referência.

No plano decorativo, estas variantes apresentam um conjunto de características comuns, tais como: a presença do motivo central, do motivo da *grade de janelas* e de elementos decorativos semicirculares entre as furas das *piças*. E ainda a ocorrência de motivos simples (entre os quais o *signum salomonis*) na face posterior (Ests. II - 2 e III - 1). No entanto, possuem também algumas diferenças de concepção e de exposição dos elementos ornamentais, que justificam e sua inclusão em qualquer das duas variantes. No caso ora vertente, todos os exemplares pertencem a uma mesma variante, a da Maia, pelos seguintes atributos:

a) os motivos centrais, como a cruz (exemplar das Ests. I - 1 e V), cruz despontando de dois corações (exemplar das Ests. I - 2/3 e VI) e cruzeiras floridas (jugos das Ests. II - 1/2 e II - 3 / III - 1), estão enquadrados numa área que, no bordo inferior, é circunscrita pela linha do *rasto*, lateralmente, pelas furas do *tamoieiro* e na parte superior, pela altura máxima destas furas;

¹⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1973) — *Sistema de atrelagem dos bois em Portugal*, Instituto de Alta Cultura e Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa.

¹⁶ a) OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1969) — «Attelage des boeufs au Portugal», *Bulletin d'Ethnographie Tchechoslovaque*, vol. III-IV, Brno, pp. 55-76.

b) OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1969) — «A exposição de alfaia agrícola portuguesa do Museu de Etnologia do Ultramar», *Revista de Etnologia*, nº 26, Junto Distrital do Porto, Porto. Pág. 14.

c) *Idem*, (1985) — *Os jugos portugueses — a canga vareiras*, Comissão Municipal do Turismo de Ovar, Ovar.

¹⁷ *Op. cit.* (v. nota 15-b). Pág. 14.

¹⁸ *Op. cit.* (v. nota 14), pág. 22.

b) o motivo da *grade* é formado por uma sequência de círculos (Ests. I - 2 a III - 1) e losângulos (Est. I - 1) abertos, encadeados e sobrepostos; mais abaixo, e seguindo a mesma disposição horizontal, uma curta sequência de semi-círculos vazados (Ests. II - 3 / III - 1) ou meio vazados (Ests. II - 1/2), ou então motivos goivados (Ests. I - 1 e I - 2/3);

c) a apresentação e disposição dos motivos das cercaduras laterais manifesta uma liberdade considerável, decorrente da circunstância de se estar perante um espaço mais amplo, sem conteúdo funcional específico e onde, por isso, o jogador pode dar mostras de sua criatividade e imaginação. Na colecção que temos por objecto, este último aspecto manifesta-se pela beleza e singularidade de certas composições, tais como a cruz florida (jugos das Ests. II - 1/2 e II - 3 / III - 1; v. ainda Est. VII) ou não (exemplar das Ests. I - 2/3 e VIII), despontando de dois corações, neste caso associada ela própria a uma flor (jugo da Ests. I - 2/3);

d) a componente geométrica e a simetria presentes no exemplar da Est. I - 1 (*signum salomonis*, motivos de conchas), assim como o motivo central (a cruz) (Est. V) e os losângulos vazados, denotam uma elaboração singela, típica deste tipo de jugos;

e) as aplicações em metal amarelo, constituídas por pequenas rosetas distribuídas simetricamente na face posterior, e completadas pela pintura a castanho-ocre, conforme se regista no exemplar das Ests. II - 3 / III - 1, constituem, enfim, uma particularidade muito marcada da variante maiata.

Os nossos exemplares das Ests. III - 2 e IV - 1 deveriam ser incluídos na variante do Minho, por serem jugos de tábua mais altos que os anteriores, apresentarem forma trapezoidal mais fechada, de lado superior quebrado a meio, não serem *encabelados*, terem bordos laterais ligeiramente côncavos e bordo inferior circular nas *golas* e recto somente no segmento central e nunca possuírem *canzís*, mas sim *arcos*, exteriores.

No plano decorativo, este tipo de jugos possui alguns vazados de carácter funcional (de que são exemplo sucessivamente as furas do *tamoieiro*, localizadas junto aos motivos centrais, das *voltas*, das *piaças* e das *ensogaduras*). São também caracterizáveis pelas suas diferenças de dimensões, estilos e decoração, às quais se deve atribuir um significado regional. É o caso dos nossos dois exemplares, que por estas razões, por não possuírem a *grade* de cima e por apresentarem uma decoração mais rudimentar devem ser oriundos de Barcelos. De notar a existência num deles de apenas uma cruz e de duas cruzes sobrepostas no outro, característica que também é comum nos jugos deste tipo.

Finalmente, o exemplar da Est. IV - 2 é, como dissemos, o único do tipo *de trave* (comumente designados por *cangas*) e mais especificamente do sub-tipo «de *molhelhas*, sem *canzís* e com *piaças*»¹⁹, característico do Nordeste português,

¹⁹ *Op. cit.* (v. nota 14). Pág.39.

apresentando ainda alguns recortes de carácter funcional no bordo superior. Pelas suas dimensões, designadamente a relação comprimento/largura, pode ter origem ao sul do Douro. A particularidade de não possuir *molhelhas* e de se desconhecer o seu local de aquisição obriga a colocar as duas seguintes hipóteses: ter sido adquirido sem as *molhelhas* «que são consideravelmente mais caras do que uma simples canga»²⁰, ou de se tratar de um jugo da zona Norte do concelho de Trancoso, Pinhel, Almeida, região que confina com a área do jugo de trave simples, com *canzis*, ou ainda, adicionalmente, revelar uma «simples fase no processo geral de abandono dos jugos de *molhelhas* e a sua substituição pelos de trave simples»²¹. Como decoração apresenta dois *signum salomonis*, cuja elaboração rudimentar é característica neste tipo de jugos.

3. EPÍLOGO

A obra destes dois grandes mestres da Etnologia portuguesa reflectem, antes do mais, as épocas em que viveram, dando origem a duas diferentes formas de «olhar» o Homem Português.

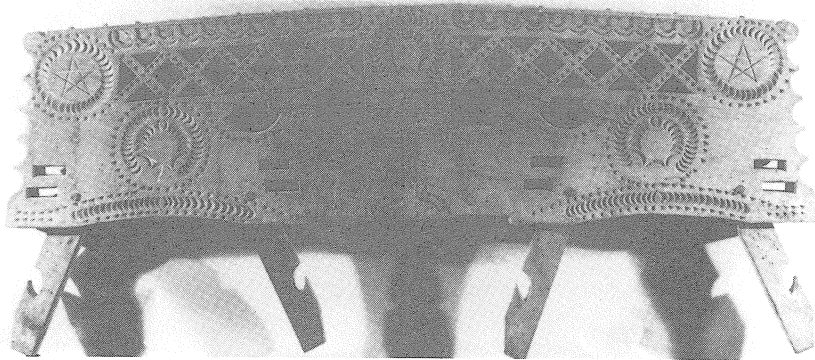
José Leite de Vasconcelos mostrou-se especialmente sensível aos aspectos relacionados com a sabedoria e o imaginário populares, no fundo o Folclore tal como era entendido na altura, reunindo num só objectivo o contributo das mais diversas disciplinas etnográficas, históricas e linguísticas. Compreende-se, pois, que neste domínio particular ele tenha dado especial ênfase a todos os aspectos relacionados com as possíveis origens remotas (tanto no sentido temporal, que faz recuar até ao Neolítico; como no sentido espacial, em que estabelece associações com a Europa nórdica) dos motivos apresentados pelos jugos ou cangas, assim como o seu simbolismo.

Ernesto Veiga de Oliveira, participante e porventura o maior obreiro de toda uma Escola que renovou os estudos etnográficos em Portugal, desenvolveu um tipo de análise de grande rigor metodológico, dando-lhe os devidos e necessários enquadramentos tecnológicos, económicos e sociológicos. Daí a notável pormenorização na descrição e classificação tipológica destes objectos, sem esquecer o artesanato que os produziu e os circuitos comerciais que lhe estão associados. Afinal, na análise de Ernesto Veiga de Oliveira os jugos ou cangas mais não são do que um pretexto para o melhor conhecimento de comunidades rurais, postas no seu lugar e tempo próprios.

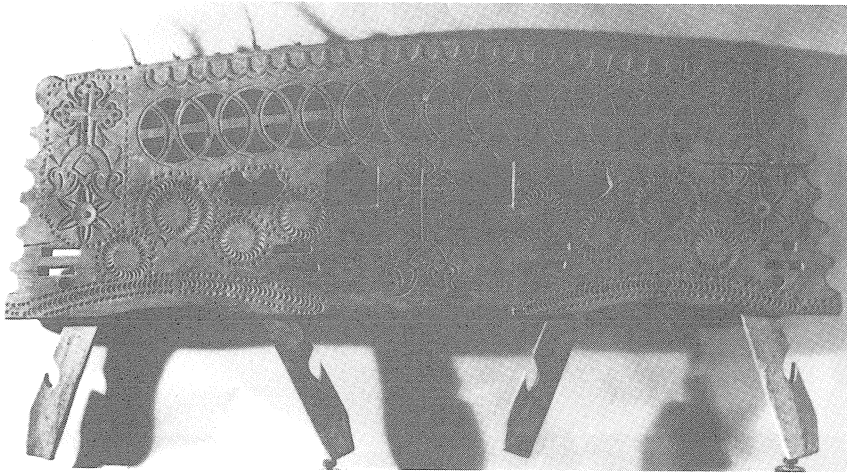
Em ambos, o mesmo amor pelo estudo da cultura tradicional portuguesa, no qual a erudição e o rigor metodológico se juntam, sem esquecer o tom poético e nostálgico com que as actividades do campo e o próprio país, «de terra em terra», se abre aos olhos do leitor.

²⁰ IDEM, *ibidem*, pág. 55.

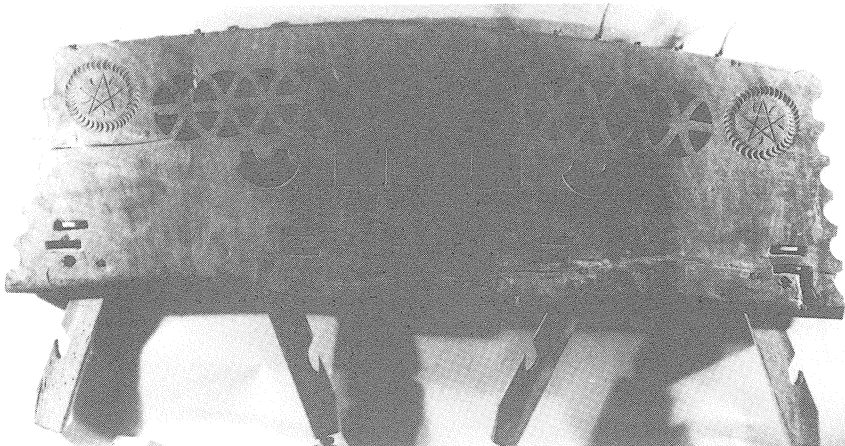
²¹ IDEM, *ibidem*, pág. 55.



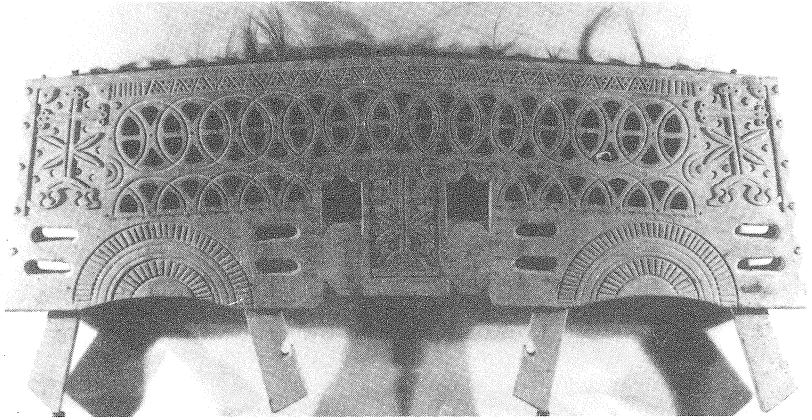
1 — Jugo da variante da Maia (face anterior). 1, 11 x 0,30m. MNA/Etno. 5075.



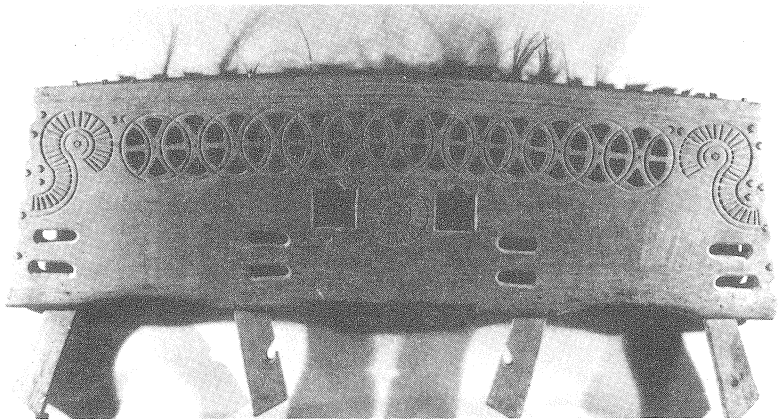
2 — Jugo da variante da Maia. 1,05 x 0,37m. MN/Etno. 5073. Face anterior.



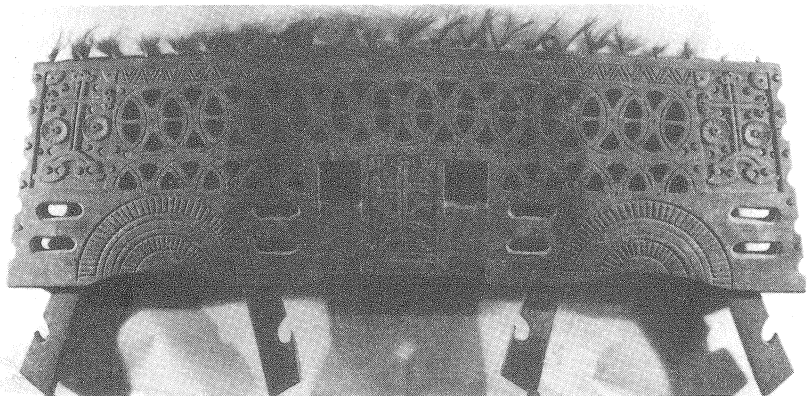
3 — Idem. Face posterior.



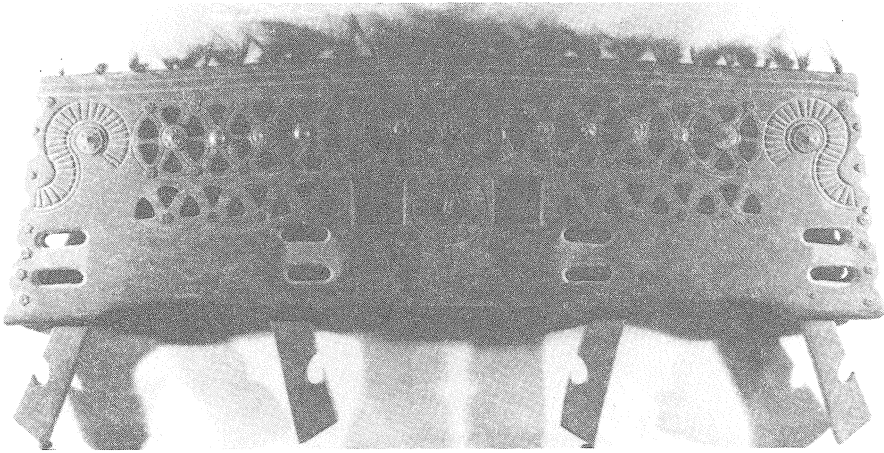
1 — Jugo da variante da Maia. 1,20 x 0,36m. MNA/Etno. 5079. Face anterior.



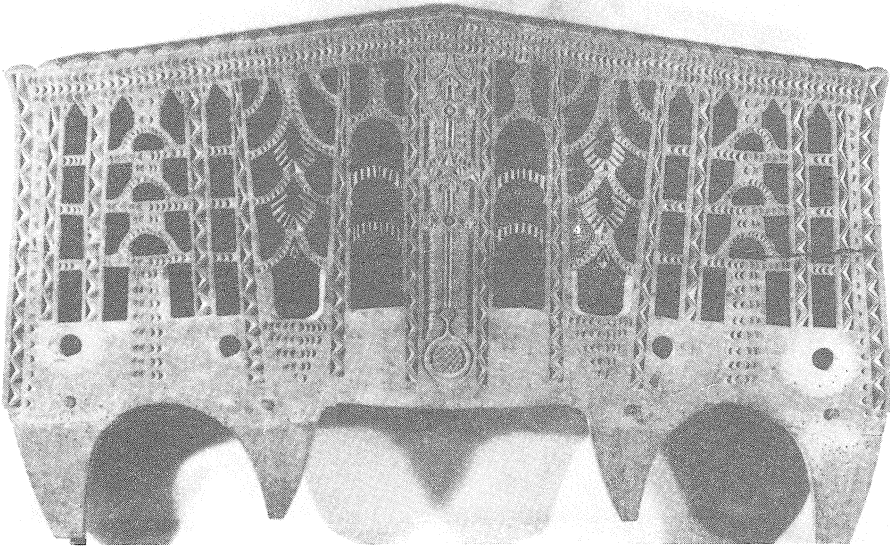
2 — Idem. Face posterior.



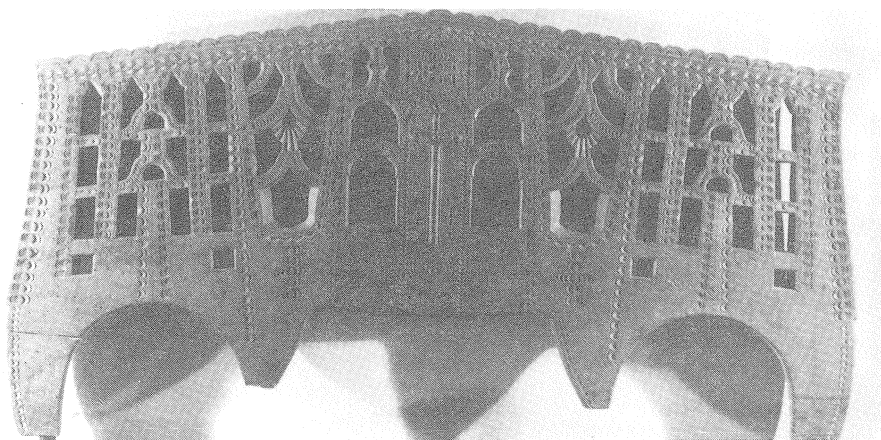
3 — Jugo da variante da Maia. 1,20 x 0,34m. MNA/Etno. 5077. Face anterior.



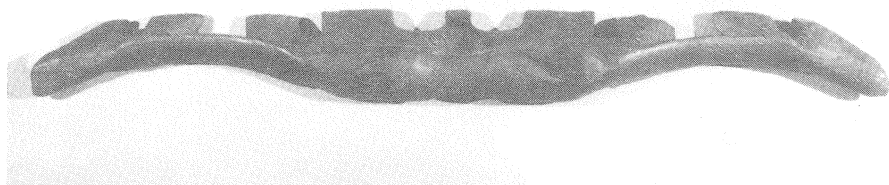
1 — Jugo da Est. II — 3, face posterior.



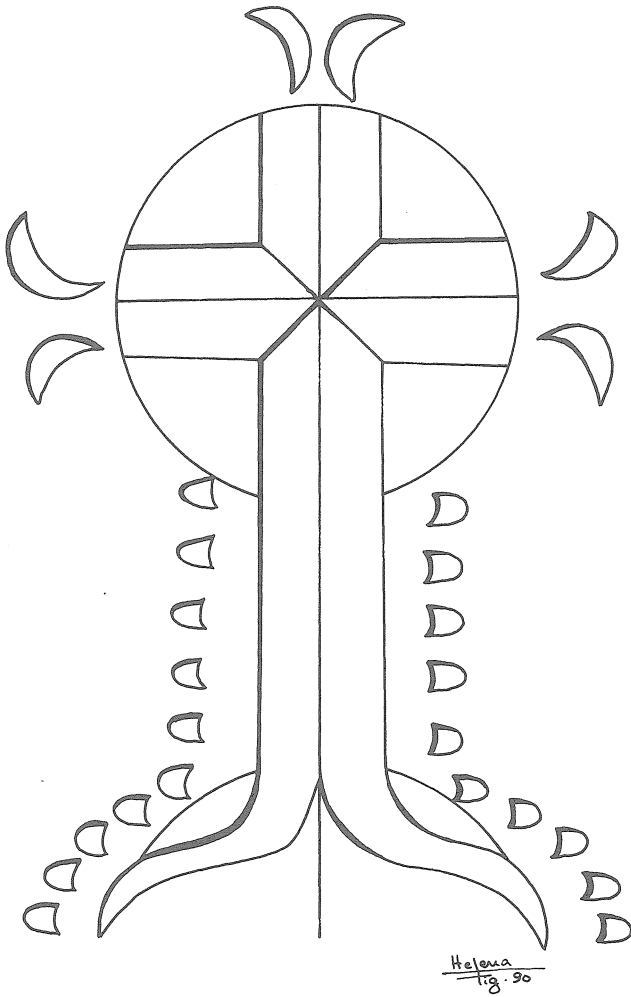
2 — Jugo da variante do Minho (face anterior). 1,80 x 0,48m. MNA/Etno. 5078.



1 — Jugo da variante do Minho (face anterior). 1,06 x 0,40m. MNA/Etno. 5074.

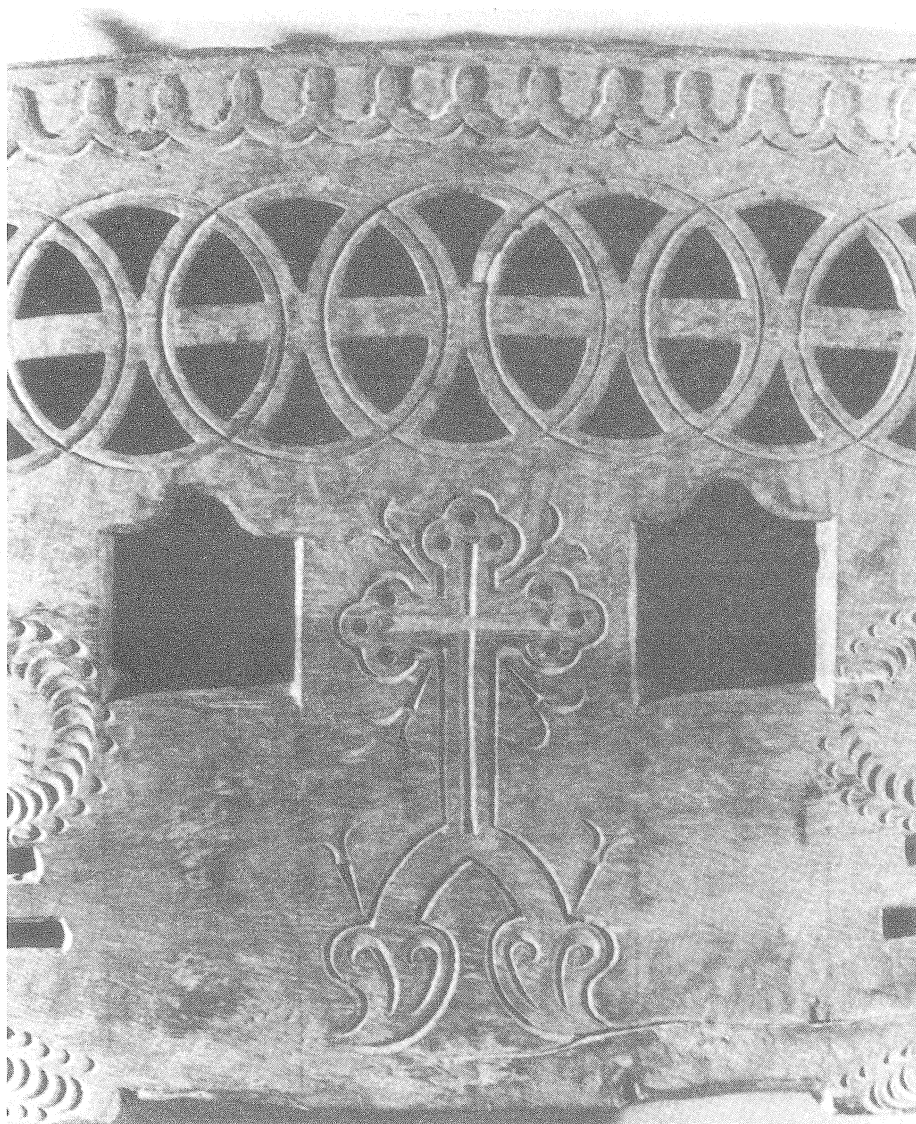


2 — Jugo de trave. 1,18 x 0,13m. MNA/Etno. 5712.

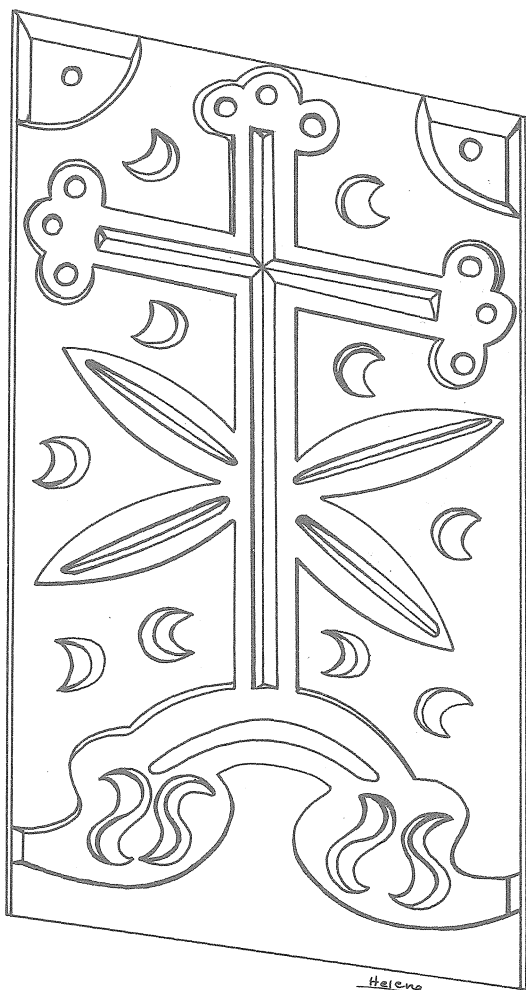


Cruz (jugo da Est. I - 1, face anterior, motivo central).

Est. VI



Cruz despontando de dois corações (jugo da Est. I - 2, face anterior, motivo central).

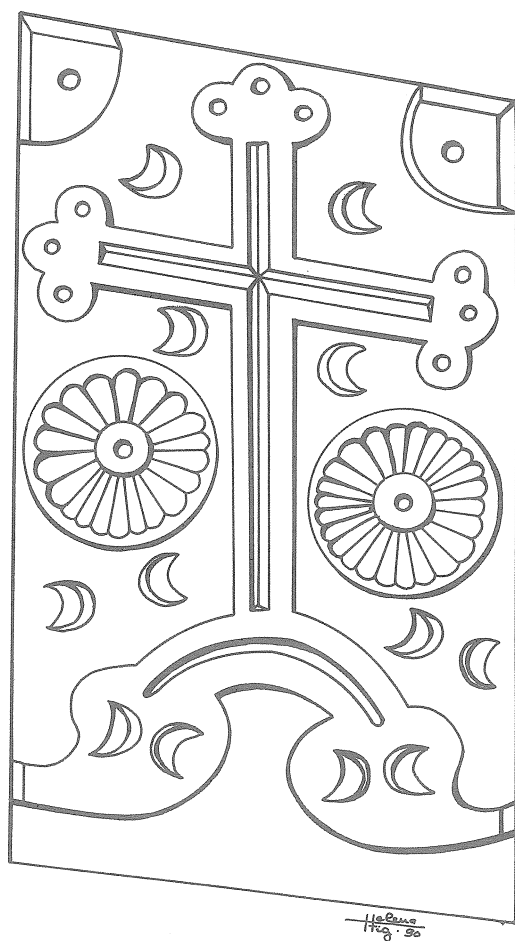


Helena
Fig. 90



Helena
90

Cruz florida (jugo da Est. II - 1 e 2, face anterior, cercadura lateral).



Cruz enquadrada por motivos florais (jugo da Est. II - 3/III - 1, face anterior, cercadura lateral).